Maktub

Paulo Coelho

Maktub

Textos de 1 à 10

Hoje seria bom fazer algo fora do comum. Podemos, por exemplo, dançar na rua enquanto caminhamos para o

trabalho. Olhar nos olhos de um desconhecido, e falar de amor à primeira vista. Dar ao chefe uma idéia que pode

parecer ridícula, mas em que acreditamos. Comprar um instrumento que sempre quisemos tocar, e nunca nos

arriscamos.

Os Guerreiros da Luz se permitem tais dias, e fazem da vida uma aventura.

Hoje podemos chorar algumas mágoas antigas que estão presas na garganta. Telefonaremos para alguém com quem

juramos nunca mais falar (mas de quem adoraríamos escutar um recado em nossa secretária eletrônica). Hoje pode

ser considerado um dia fora do roteiro que escrevemos todas as manhãs. Hoje qualquer falha será admitida e

perdoada.

Hoje é dia de se ter alegria na vida.

Um homem resolveu visitar um ermitão que vivia perto do mosteiro de Sceta. Depois de caminhar sem rumo pelo

deserto, terminou encontrando o monge.

-Preciso saber qual o primeiro passo que se deve dar no caminho espiritual -

disse.

O ermitão levou-o até um pequeno poço, e pediu que ele olhasse seu reflexo na água. O homem obedeceu - mas o

ermitão começou a jogar pedrinhas na água, fazendo com que a superfície se movesse.

- Não poderei ver direito o meu rosto, enquanto o senhor jogar pedras - disse o homem.

- Assim como é impossível para um homem ver seu rosto em águas turbulentas, também é impossível buscar Deus

se a mente estiver ansiosa com a busca - disse o monge - Este é o primeiro passo.

Diz o mestre:

Muita gente tem medo da felicidade. Para estas pessoas, esta palavra significa mudar uma série de hábitos - e

perder sua própria identidade. Muitas vezes nos julgamos indignos das coisas boas que acontecem conosco. Não

aceitamos, porque aceitá-las nos dá a sensação de que estamos devendo alguma coisa a Deus. Pensamos: "É melhor não provar o cálice da alegria, porque, quando este nos faltar, iremos sofrer muito."

Por medo de diminuir, deixamos de crescer.

Por medo de chorar, deixamos de rir.

Durante uma viagem, recebi um fax de minha secretária.

"Ficou faltando um tijolo de vidro para a reforma da cozinha" - dizia ela. "Envio o projeto original, e o projeto que o pedreiro usará para compensar a falta."

De um lado, havia o desenho que minha mulher fizera: fileiras harmoniosas de tijolos de vidro, com abertura para a ventilação. Do outro lado, o projeto que resolvia a falta de um tijolo: verdadeiro quebra-cabeças, onde os

quadrados de vidro se misturavam sem qualquer estética.

"Comprem o tijolo que falta", escreveu minha mulher. Assim foi feito. E o desenho original foi mantido.

Naquela tarde, fiquei pensando muito tempo no ocorrido; quantas vezes, pela falta de um simples tijolo,

deturpamos completamente o projeto original de nossas vidas.

Um homem larga a vida mundana e transforma-se em ermitão. Longe do centro de decisões políticas da época

passa anos de sua vida tentando preparar o caminho para o Messias. Define-se como "a voz que clama no deserto".

Num primeiro momento, podemos pensar que tal homem - João Baptista - não teria qualquer influência em sua

época. Mas a história nos mostra o contrário: sua presença foi fundamental na vida de Jesus.

Quantas vezes nos sentimos como vozes que clamam no deserto? Nossas palavras parecem perder-se no vento,

nossos gestos aparentemente não despertam qualquer reação.

João persistiu; cabe a nós fazer o mesmo. As vozes que clamam no deserto são as que escrevem a história do seu

tempo.

Um amigo comentou com Júlio Ribeiro: "É mais complicado organizar uma escola de samba que a General Motors.

São 5 mil pessoas, que comparecem pontualmente aos ensaios, decoram a letra de sambas complicadíssimos,

concebem cenografias de Hollywood, confeccionam milhares de adereços, organizam centenas de costureiras.

Obedecem cegamente a ordem dos fiscais, chegam sem atraso à concentração, ajudam a empurrar carros

alegóricos. Aí, sambam por apenas uma hora, e ainda choram se a escola perde. Como chegam a esta precisão de

relógio suíço?"

Ninguém disse nada. E o amigo respondeu à própria pergunta: "Porque todos querem a mesma coisa , neste caso, desfilar bem. Quando há união em torno do mesmo objetivo, não há obstáculo que atrapalhe."

A vida pede-nos constantemente: "participe!". A participação é necessária para a nossa alegria, mas também para a nossa proteção. Quem se omite diante das barbaridades que vê, está prestando serviço a força das trevas, e isto lhe será cobrado um dia.

Há momentos em que evitamos a luta, sob os mais diversos pretextos: serenidade, maturidade, senso de ridículo.

Vemos a injustiça sendo feita a nosso próximo, e ficamos calados. "Não vou me meter à toa em brigas", é a explicação.

Isto não existe. Quem percorre um caminho espiritual, carrega consigo um código de honra a ser cumprido. A voz

que clama contra o que está errado é sempre ouvida por Deus.

Se o nosso irmão não tem mais forças para reclamar, é nossa vez de fazê-lo por ele.

Voávamos de New York para Chicago, rumo a um congresso literário. De repente, um rapaz fica em pé no corredor

do avião: "Preciso de doze voluntários", disse. "Cada um vai carregar uma rosa, quando aterrizarmos."

Várias pessoas levantaram a mão. Eu também levantei, mas não fui escolhido.

Mas resolvi acompanhar o grupo. Descemos, o rapaz apontou para uma moça no

saguão do aeroporto de ÓHare.

Um a um, os passageiros foram entregando suas rosas para ela. No final, o rapaz pediu-a em casamento na frente

de todos - e ela aceitou.

Um comissário de bordo comentou comigo: "desde que trabalho aqui, foi a coisa mais romântica que aconteceu

neste aeroporto".

Na Idade Média, as catedrais góticas eram construídas por várias gerações. Este esforço prolongado ajudava seus

participantes a organizar o pensamento, agradecer, e sonhar.

Hoje o romantismo acabou; a construção é apenas mais um negócio. Entretanto, o desejo de construir permanece.

Muita gente dedica o final de suas vidas para acabar uma casa, moldar um pasto, levantar uma capela.

Também nós precisamos exercer este direito; se não temos uma catedral, reconstruiremos nosso quarto. Isto irá nos ajudar a conhecer melhor quem somos. Isto vai nos fazer modificar uma série de coisas que estão nos

incomodando.

Tanto as igrejas como os homens sofrem o desgaste do tempo - e por isso não se pode parar nunca.

Num dos momentos mais trágicos da crucificação, um dos ladrões percebe que o homem que morre ao seu lado é o

Filho de Deus. "Senhor, lembra-Te de mim quando estiveres no Paraíso", diz o ladrão. "Em verdade, estarás hoje comigo no Paraíso", responde Jesus, transformando um bandido no primeiro santo da Igreja Católica: São Dimas.

Não sabemos por que razão Dimas foi condenado à morte. Na Bíblia, ele

confessa a sua culpa, dizendo que foi

crucificado pelos crimes que cometeu. Suponhamos que tenha feito algo de cruel, tenebroso o suficiente para

terminar daquela maneira; mesmo assim, nos últimos minutos de sua existência, um ato de fé o redime - e o

glorifica.

Lembremos deste exemplo quando, por alguma razão, nos julgarmos incapazes de ter uma vida espiritual.

Maktub

Textos de 11 à 20

Colin Wilson, hoje um escritor consagrado, descreve sua tentativa de suicídio aos 16 anos: "Entrei no laboratório de química da escola, e peguei o vidro de veneno. Coloquei num copo diante de mim, olhei bastante, reparei na cor, e imaginei o possível gosto que teria. Então, aproximei o ácido de meu rosto, e senti seu cheiro; neste momento, minha mente deu um salto até o futuro - e eu podia senti-lo queimando a minha garganta, abrindo um buraco no

meu estômago. A sensação dos danos causados pelo ácido era tão real, que parecia já tê-lo bebido. Foi então que

tive certeza que não queria aquilo. Fiquei alguns momentos segurando o copo em minhas mãos, saboreando a

possibilidade da morte, até pensar comigo mesmo: se sou valente para me matar, também sou valente para

continuar vivendo".

Um conhecido meu, piloto de uma companhia aérea da Tunísia, comenta: "na aviação, temos um aparelho

chamado piloto automático, que dirige o avião quando chega em determinada altura."

Na vida dos adultos também existe isto: como nossas atividades vão ficando cada vez mais complexas, existe um

momento em que precisamos deixar parte das tarefas para o piloto automático. Acontece que este piloto

automático, que havíamos criado para cuidar de coisas aborrecidas, ganha vida própria, e começa a interceptar

tudo que chega até nós. Seu radar está ligado, e ele sempre move nosso avião para longe de coisas que não conhece.

Assim, perdemos o sentido da aventura.

E quem perde o sentido da aventura, de certa maneira perde também o sentido da vida.

Um amigo meu, Bruno Saint-Cast, trabalha na implantação de alta tecnologia na Europa. Certa noite, sentiu-se forçado a escrever um texto sobre um velho amigo de adolescência, que havia encontrado no Tahiti. Mesmo

sabendo que teria que acordar cedo no dia seguinte, sentou-se no computador às 8 horas da noite, e só conseguiu

sair às 3 da manhã - depois de haver escrito a história onde o tal amigo, John Salmon, fazia uma longa viagem da Patagónia até a Austrália. Enquanto escrevia, sentia uma sensação de liberdade muito grande, como se a inspiração brotasse sem qualquer interferência.

Na manhã seguinte, recebeu um telefonema de sua mãe: ela acabava de saber que o John Salmon havia morrido.

Seis meses atrás, uma nova máquina de lavar exigiu que fizéssemos um novo sistema de canalização na área de

serviço. Mudamos, o piso, e a parede precisou ser pintada. No final, a área estava mais bonita que a cozinha.

Para evitar o contraste, reformamos a cozinha. Só então notamos como a sala estava velha. Refizemos a sala, que

terminou ficando mais acolhedora que o escritório de quase dez anos.

Refizemos o escritório. Aos poucos, a reforma se estendeu pela casa inteira.

Espero que o que se passou na minha casa, se passe também em minha vida. Espero estar aberto para as pequenas

novidades; que elas sempre me chamem a atenção para tudo que preciso mudar.

Caminho com meu editor americano e sua mulher, por um parque. Podemos ver a cidade de San Francisco ao

longe, iluminada pelo sol poente. Sharon escreveu um livro sobre um mosteiro beneditino, e conta que as orações

da tarde, chamadas "vésperas", são cantos de esperança pela certeza de que a noite passará.

"As vésperas nos indicam a necessidade que temos de nos aproximar do outro, quando a noite chega", diz ela.

"Nossa sociedade preza muito a capacidade que cada um tem de lidar com as próprias dificuldades. Este

individualismo leva ao desespero e solidão. Fingimos que não nos importa a atenção dos outros; mas basta um

gesto de carinho, e nossa pose de herói cai por terra".

"Não tenho medo de depender do próximo: ele também está precisando de mim."

Eis a origem do ditado: "macaco velho não bota a mão em cumbuca".

Na Índia, os caçadores abrem um pequeno buraco num coco, colocam uma banana dentro, e enterram-no. O

macaco se aproxima, pega a banana, mas não consegue tirá-la - porque sua mão fechada não passa pela abertura.

Ao invés de largar a fruta, o macaco fica ali lutando contra o impossível, até ser agarrado.

O mesmo se passa em nossas vidas. A necessidade de ter determinada coisa faz com que terminemos prisioneiros

dela. Não percebemos que é melhor perder um pouco, do que perder tudo.

Permanecemos na armadilha, não abrimos mão do que conseguimos. Nos julgamos sábios, mas - no fundo do

coração - sabemos que é uma idiotice agir assim.

O monge Steindl-Rast comenta: "a filha de um amigo meu disse certo dia: papai, não é uma surpresa que eu

exista?"

As crianças sabem intuitivamente como é milagrosa a vida. Nós também sabemos - porque ainda somos crianças, e

este nosso lado infantil não morrerá nunca. Podemos esquecer a ingenuidade, trancá-la, dar-lhe um ar de seriedade e respeito, mas ela continuará existindo enquanto vivermos. É melhor aceitá-la.

Quando aprendemos a lição de nossos dias, precisamos combinar o entusiasmo infantil com a sabedoria da

experiência. Para isto, é necessário "nascer de novo", como dizia Jesus.

Se hoje fosse o primeiro dia de sua vida, o que você estaria fazendo?

O que é um profeta? O filósofo Augusto de Franco define muito bem a arte da profecia, que está dentro de cada um de nós.

Segundo ele, o profeta é capaz de antever uma situação determinada, com os olhos da fé. Quando profetizamos,

não estamos definindo o que irá acontecer; na verdade, possibilitamos a nós mesmos - e aos outros - a escolha do melhor caminho.

O profeta não adivinha. Ele estimula a criação de um futuro. Seus oráculos, ao invés de fechar uma possibilidade, estão nos prevenindo das consequências de

nossas atitudes, e abrindo novas alternativas.

O homem pode inventar seu próprio futuro, se optar por seguir seu próprio caminho. Para isto, ele precisa libertar-se do passado, e das escolhas que fizeram por ele - sem lhe consultarem.

Quando olhamos esculturas em catedrais antigas, imagens que nos parecem absurdas, gravuras em velhos livros de

mitologia, notamos que alguma coisa nos parece familiar. E compreendemos, mesmo sem entender.

Para pintores e escultores possuídos pela fé, era mais importante transmitir um sentimento que uma idéia.

Desenhavam contrariando os padrões artísticos da época, e ousavam dividir sua alma com outros. Mesmo

chamados de tolos - ou de loucos - suas criações estão vivas até hoje.

Não dê a menor importância para o que os outros acham de você. Ninguém melhor que você mesmo para saber as próprias qualidades e limitações.

Se você se deixar envenenar pela opinião alheia, está perdido.

Um jornalista perseguia o escritor francês Albert Camus, querendo que explicasse detalhadamente o seu trabalho.

O autor de "A Peste" se recusava: "Eu escrevo, e os outros julgam como entendem".

Mas o jornalista não sossegava. Certa tarde, conseguiu encontrá-lo num café em Paris.

"A crítica viva acha que o senhor nunca aborda um tema profundo", disse o jornalista. "Eu lhe perguntaria agora: se tivesse que escrever um livro sobre a sociedade, aceitaria o desafio?"

"Claro", respondeu Camus. "O livro teria cem páginas. Noventa e nove seriam em branco, pois não há o que dizer.

No final da centésima página, eu escreveria: 'o único dever do homem é amar'".

Maktub

Textos de 21 à 30

Santo Agostinho escreveu que, da mesma maneira que uma cidade precisa de leis para que seus habitantes possam

viver juntos, o homem precisa de uma única lei - o Amor - para conviver em paz com o mundo espiritual. Outras

pessoas falaram sobre esta verdade universal: "O verdadeiro amor não pede recompensa, mas merece uma" (São Bernardo de Claivaux). "O amor é Deus; e a morte significa que uma gota deste amor deve retornar a sua fonte"

(Tolstoi). "As verdades de amor são como o oceano: transparentes apenas nos lugares superficiais" (Patmore).

"Quanto mais amamos alguém, mais penetramos nos mistérios de todos" (Jalal-Ud-Dim). "Onde existe a possibilidade de ódio, existe também a possibilidade de amor; basta fazer uma escolha" (Tillich).

É muito fácil julgar os outros, quando não nos colocamos na mesma situação deles. Um exemplo disto ocorreu no

Congresso do Partido Comunista, quando Nikita Khruschev - para espanto do mundo - denunciou os crimes de

Stalin.

Durante o discurso, alguém gritou:

- Onde estavas, camarada Khrushchev, enquanto os inocentes eram massacrados?

- Levante-se quem disse isto - pediu Khruschev.

Ninguém se mexeu.

- Seja você quem for, já respondeu à sua pergunta - continuou Khruschev. -

Naquele momento, eu estava na mesma

posição em que você está agora.

Em praticamente todas as religiões e culturas, a tradição da hospitalidade está presente. Nos evangelhos, Jesus

divide seus dons com homens e mulheres que o acolhem. Na tradição judaica, Lot é salvo ao acolher estrangeiros

que depois se revelam anjos. No Islã, Mohammed (Maomé) diz: "maldita a sociedade que não aceita hóspedes".

Todos somos hóspedes deste mundo. Estamos aqui de passagem entre uma vida e outra - e não podemos carregar

nada além de nossos bons gestos. A tradição da hospitalidade não pode morrer em nossas vidas, mesmo que exista -

de vez em quando - gente que abusa de nosso teto e carinho. Sempre que acolhemos alguém, nos abrimos para a

aventura e o mistério.

Nixivan havia reunido seus amigos para jantar e estava cozinhando um suculento pedaço de carne. De repente,

percebeu que o sal havia terminado. Nixivan chamou o seu filho: "Vá até a aldeia e compre o sal. Mas pague um preço justo por ele, nem mais caro, nem mais barato".

O filho ficou surpreso: "Compreendo que não deva pagar mais caro, papai. Mas, se puder barganhar um pouco, por que não economizar algum dinheiro?".

"Numa cidade grande isto é aconselhável. Mas, numa cidade pequena como a nossa, toda a aldeia perecerá."

Quando os convidados, que tinham assistido a conversa, quiseram saber por que não se devia comprar o sal mais

barato, Nixivan respondeu: "Quem vender o sal abaixo do preço deve estar agindo assim porque precisa

desesperadamente de dinheiro. Quem se aproveitar dessa situação estará mostrando desrespeito pelo suor e pela

luta de um homem que trabalhou para produzir algo".

"Mas isso é muito pouco para que uma aldeia seja destruída."

"Também no início do mundo a injustiça era pequena. Mas cada um que veio depois terminou acrescentando algo, sempre achando que não tinha muita importância, e vejam onde terminamos chegando hoje."

Epictetus (55 A.D. - 135 A.D.) nasceu escravo e se tornou um dos grandes filósofos de Roma. Foi expulso da cidade no ano de 94 e criou - no exílio - uma maneira de ensinar seus discípulos. A seguir, trecho de sua "Arte de Viver":

"Duas coisas podem acontecer quando nos encontramos com alguém: ou nos tornamos amigos, ou tentamos

convencer esta pessoa a aceitar nossas convicções. O mesmo acontece quando a brasa encontra um outro pedaço de

carvão: ou compartilha seu fogo com ele, ou é sufocada por seu tamanho, e termina se extinguindo. Como, geralmente, somos inseguros num primeiro contato, tentamos a indiferença, a arrogância, ou a excessiva

humildade. O resultado é que deixamos de ser quem somos, e as coisas passam a se dirigir para um estranho

mundo que não nos pertence. Para evitar que isto aconteça, permita que seus bons sentimentos sejam logo notados.

A arrogância geralmente é uma máscara banal da covardia, mas termina impedindo que coisas importantes

floresçam na sua vida."

História Sufi:

Nasrudin conversava com um amigo: "Então, Mullah, nunca pensaste em casamento?"

"Já pensei", respondeu Nasrudin. "Em minha juventude, resolvi conhecer a mulher perfeita. Atravessei o deserto, cheguei a Damasco e conheci uma mulher espiritualizada e linda. Mas ela não sabia nada das coisas do mundo.

Continuei a viagem e fui a Isfahan. Lá encontrei uma mulher que conhecia o reino da matéria e do espírito, mas

não era bonita. Então resolvi ir até o Cairo, onde jantei na casa de uma moça bonita, religiosa e conhecedora da realidade material."

"E por que não casaste com ela?"

"Ah, meu companheiro! Infelizmente ela também procurava um homem perfeito."

História Sufi:

"Como o senhor entrou na vida espiritual?", perguntou um dos discípulos ao mestre Sufi Shams Tabrizi.

"Minha mãe dizia que eu não era bastante louco para ser internado num hospício nem bastante santo para entrar num mosteiro", respondeu Tabrizi. "Então resolvi dedicar-me ao sufismo, onde aprendemos por meio da meditação livre."

"E como explicou isso à sua mãe?"

"Com a seguinte fábula: alguém colocou um patinho para que uma gata tomasse conta. Ele seguia sua mãe adotiva por toda parte, até que um dia os dois foram parar diante de um lago. Imediatamente o patinho entrou na água,

enquanto a gata gritava da margem: 'Saia daí! Você vai morrer afogado!' E o patinho respondeu: 'Não, mamãe,

descobri o que me faz bem e sei que estou no meu ambiente. Vou continuar aqui, mesmo que a senhora não saiba o

que significa um lago.'"

História Sufi:

Nasrudin passa diante de uma gruta, vê um iogue meditando e pergunta o que ele estava buscando.

"Contemplo os animais e aprendi deles muitas lições que podem transformar a vida de um homem", diz o iogue.

"Pois um peixe já salvou minha vida", responde Nasrudin. "Se você me ensinar tudo o que sabe, eu lhe conto como foi."

O iogue espanta-se: só um santo pode ter a vida salva por um peixe. E resolve ensinar tudo que sabe. Quando

termina, diz a Nasrudin: "Agora que ensinei tudo, ficaria orgulhoso em saber como um peixe salvou sua vida."

"É simples", respondeu Nasrudin. "Eu estava quase morrendo de fome quando o pesquei, e graças a ele pude sobreviver três dias."

Reflexão Sufi:

Abu Muhammad al-Jurayry costumava dizer: "A religião possui dez tesouros que nos enriquecem. São cinco

interiores e cinco exteriores. Todos aqueles que seguem o caminho espiritual devem estar conscientes disto. Eis os tesouros interiores: capacidade de ser verdadeiro, despreocupação com os nossos bens, humildade na aparência,

equilíbrio para evitar dificuldades com os outros e força para reagir. Eis os tesouros exteriores: descobrir um amor supremo, despertar o desejo de estar junto a este amor, ter inteligência para ver as próprias faltas, estar consciente de tudo que acontece na vida e ser grato pelas bênçãos recebidas".

Kahlil Gibran (1883-1931), nascido no Líbano, será lembrado por seu clássico "O Profeta", que, 60 anos depois de sua publicação, continua na lista dos mais vendidos em diversos países.

Em 1995, uma amiga libanesa me deu um livro contendo a correspondência amorosa de Gibran com Mary Haskell,

uma americana dez anos mais velha que ele. Quando li, descobri um homem complexo e fascinante - o que me

incentivou a selecionar alguns textos para publicação ("Cartas de Amor do Profeta", editora Ediouro).

Tudo indica que Mary, apesar de grande amiga, jamais aceitou qualquer relação além de um amor platônico. Lendo

as cartas de Gibran, fica difícil entender como ela resistiu! Aqui vão alguns fragmentos:

10/03/1912 - Mary, minha adorada Mary, como você pode achar que me está dando mais sofrimento que alegrias?

Ninguém sabe direito qual é a fronteira entre a dor e o prazer: muitas vezes eu penso que é impossível separá-los.

Você me dá tanta alegria que chega a doer e você me causa tanta dor que eu chego a sorrir.

24/05/1914 - Pense, minha adorada, se estivéssemos caminhando por um belo campo, num dia lindo, e - de repente

- uma tempestade tombasse sobre nossas cabeças. Que maravilha! Existe emoção maior do que ver os elementos produzindo força e energia selvagem? Vamos para os campos, Mary, buscar o inesperado.

08/07/1914 - Sempre pensei que, quando alguém nos entende, termina por nos escravizar - já que aceitamos

qualquer coisa para sermos compreendidos. No entretanto, sua compreensão trouxe-me a paz e a liberdade mais

profundas que já experimentei. Nas duas horas de sua visita, você descobriu um ponto negro no meu coração,

tocou-o e ele desapareceu para sempre - fazendo com que enxergasse minha própria luz.

18/04/1915 - Os dois dias em que estivemos juntos foram magníficos. Quando falamos sobre o passado, sempre

tornamos mais reais o presente e o futuro. Por muitos anos, tive pavor de olhar aquilo que vivi e sofri em silêncio.

Hoje, entendi que o silêncio nos faz sofrer mais profundamente. Mas você me faz conversar, e eu descubro as coisas empoeiradas que se escondiam na minha alma e então posso arrancá-las dali.

17/07/1915 - Nós dois estamos procurando tocar os limites da nossa existência. Os grandes poetas do passado

sempre entregavam-se à vida. Eles não procuravam uma coisa determinada nem tentavam desvendar segredos:

simplesmente permitiam que suas almas fossem arrebatadas pelas emoções. As pessoas estão sempre buscando

segurança e às vezes conseguem; mas a segurança é um fim em si, e a vida não tem fim. Sua carta, Mary, é a mais

bela expressão de vida que já recebi. Poetas não são aqueles que escrevem poesia, mas todos os que têm o coração cheio de espírito sagrado do amor.

10/05/1916 - Querida Mary: estou enviando uma parábola que terminei. Tenho escrito pouco e apenas em árabe.

Mas gostaria de ouvir suas correções e sugestões sobre este trecho: Na sombra de um templo, meu amigo me

apontou um cego. Meu amigo me disse: "Este homem é um sábio". Aproximamo-nos e perguntei: "Desde quando o senhor é cego?" "Desde que nasci." "Eu sou um astrônomo", comentei. "Eu também", o cego respondeu. E, colocando a mão em seu peito, disse: "Passo a vida observando os muitos sóis e estrelas que se movem dentro de mim".

Maktub

Textos de 31 à 40

A esposa do rabino Iaakov era considerada por todos os seus amigos uma mulher muito difícil; por qualquer

pretexto, iniciava uma discussão.

Iaakov, porém, nunca respondia às provocações. Até que, no casamento de seu filho Ishmael, quando centenas de

convidados comemoravam alegremente, o rabino começou a ofender sua mulher - mas, de tal maneira, que todos

na festa puderam perceber.

"O que aconteceu?", perguntou um amigo de Iaakov, quando os ânimos serenaram. "Por que abandonou seu costume de jamais responder às provocações?"

"Veja como ela está mais contente", sussurrou o rabino. De fato, a mulher agora parecia estar se divertindo com a festa.

"Vocês brigaram em público! Não entendo nem sua reação nem a dela!", insistiu o amigo.

"Faz alguns dias, entendi o que mais perturbava minha mulher: era o fato de eu ficar em silêncio. Agindo assim, eu parecia ignorá-la, distanciar-me com sentimentos virtuosos e fazê-la sentir-se mesquinha e inferior. Já que a amo tanto, resolvi fingir perder a cabeça na frente de todo mundo. Ela viu que eu compreendia suas emoções, que era

igual a ela e que ainda quero manter o diálogo!"

Sentados num galho de árvore, o macaco e a macaca contemplavam o pôr-do-sol. Em determinado momento, ela

perguntou: "O que faz com que o céu mude de cor na hora em que o Sol atinge o horizonte?"

"Se quisermos explicar tudo, deixamos de viver", respondeu o macaco. "Fique quieta, vamos deixar o nosso coração alegre com este entardecer romântico."

A macaca enfureceu-se: "Você é primitivo e supersticioso. Já não dá mais atenção à lógica e só quer saber é de aproveitar a vida".

Neste momento, passava uma centopéia.

"Centopéia!", gritou o macaco. "Como é que você faz para mover tantas patas em perfeita harmonia?"

"Nunca pensei nisso!", foi a resposta.

"Então pense! Minha mulher gostaria de uma explicação!"

A centopéia olhou para suas patas e começou: "Bem... eu flexiono este músculo... não, não é bem isso, eu tenho que jogar meu corpo por aqui...".

Durante meia hora, tentou explicar como movia suas patas e, à medida que tentava, ia confundindo-se cada vez

mais. Quando quis continuar seu caminho, já não podia mais andar.

"Está vendo o que você fez?", gritou, desesperada. "Na ânsia de descobrir como funciono, perdi os movimentos!"

"Está vendo o que acontece com quem deseja explicar tudo?", disse o macaco, voltando a assistir o pôr-do-sol em silêncio.

Cuidado com seus pensamentos: eles se transformam em palavras.

Cuidado com suas palavras: elas se transformam em ação.

Cuidado com suas ações: elas se transformam em hábitos.

Cuidado com seus atos: eles moldam seu caráter.

Cuidado com seu caráter: ele controla seu destino.

Há alguns meses eu estava almoçando no México e uma amiga - Cristina Belloni - fez um comentário: "Acho que Deus não me escuta mais, porque vivo enchendo a paciência dele".

Todos os que estavam na mesa riram. De minha parte, acho que Deus escuta

sempre, não importa quantas vezes

pedimos alguma coisa. Entretanto, o comentário de Cristina me fez lembrar uma história, narrada pelo jesuíta

Anthohny de Mello em seu livro "O Enigma do Iluminado":

Pressentindo que seu país em breve iria mergulhar numa guerra civil, o sultão chamou um dos seus melhores

videntes e perguntou quanto tempo ainda lhe restava viver.

"Meu adorado mestre, o senhor viverá o bastante para ver todos os seus filhos mortos." Num acesso de fúria, o sultão mandou imediatamente enforcar aquele que proferira palavras tão aterradoras.

"Então, a guerra civil era realmente uma ameaça!" Desesperado, chamou um segundo vidente.

"Quanto tempo viverei?", perguntou, procurando saber se ainda seria capaz de controlar uma situação

potencialmente explosiva.

"Senhor, Deus lhe concedeu uma vida tão longa, que ultrapassará a geração dos seus filhos e chegará à geração dos seus netos."

Agradecido, o sultão mandou recompensá-lo com ouro e prata. Ao sair do palácio, um conselheiro comentou com o

vidente: "Você disse a mesma coisa que o adivinho anterior. Entretanto, o primeiro foi executado e você recebeu recompensas. Por quê?"

"Porque o segredo não está no que você diz, mas na maneira como diz. Sempre que precisar disparar a flecha da verdade, não esqueça de antes molhar sua ponta num vaso de mel."

Em sua autobiografia, Gandhi diz que durante seu período de estudante na África do Sul, interessou-se pelos

"Evangelhos" e chegou a considerar seriamente a possibilidade de converter-se ao catolicismo.

Para obter maiores conhecimentos, resolveu ir até a igreja do bairro onde morava. Ali chegando, um homem lhe

perguntou: "O que deseja?"

"Assistir uma missa", respondeu Gandhi. "E pedir alguma ajuda de Deus."

Gentilmente, o homem disse: "Por favor, vá à igreja que fica a dois quarteirões daqui. Esta é só para brancos".

Nunca mais Gandhi retornou a uma igreja.

Jean atravessava com seu avô por uma praça de Paris. Em determinado instante, viu um sapateiro sendo destratado

por um cliente, cujo calçado apresentava um defeito. O sapateiro escutou calmamente a reclamação, pediu

desculpas e prometeu refazer o erro.

Pararam para tomar um café num bistrô. Na mesa ao lado, o garçom pediu para um homem que movesse um pouco

a cadeira, para abrir espaço. O homem irrompeu numa torrente de reclamações e não fez o favor.

"Nunca esqueça o que viu", disse o avô para Jean. "O sapateiro aceitou uma reclamação, enquanto esse homem ao nosso lado não quis se mover. Os homens úteis, que fazem algo útil, não se incomodam de serem tratados como

inúteis. Mas os inúteis sempre se julgam importantes e escondem toda a sua incompetência atrás da autoridade."

Miie Tamaki resolveu largar tudo o que fazia - era economista - para se dedicar à pintura. Durante anos procurou um mestre adequado, até que encontrou uma mulher especialista em miniaturas, que vivia no Tibet. Miie deixou o

Japão e foi para as montanhas tibetanas aprender o que precisava.

Passou a morar com a professora, que era extremamente pobre.

No final do primeiro ano, Miie voltou ao Japão por alguns dias e retornou ao Tibet com malas cheias de presentes.

Quando a professora viu o que ela tinha trazido, começou a chorar e pediu que Miie não voltasse mais para sua

casa, dizendo:

"Antes, nossa relação era de igualdade e amor. Você tinha teto, comida e tintas. Agora, ao me trazer esses

presentes, você estabelece uma diferença social entre nós. Se existe essa diferença, não pode existir compreensão e entrega."

Perto de Tóquio, vivia um grande samurai, já idoso, que se dedicava a ensinar o zen-budismo aos jovens. Apesar de sua idade, corria a lenda de que ainda era capaz de derrotar qualquer adversário.

Certa tarde, um guerreiro apareceu por ali. Era famoso por utilizar a técnica da provocação: esperava que seu

adversário fizesse o primeiro movimento e, dotado de uma inteligência privilegiada para reparar os erros

cometidos, contra-atacava com velocidade fulminante. O jovem e impaciente guerreiro jamais havia perdido uma luta. Conhecendo a reputação do samurai, estava ali para derrotá-lo.

Todos os estudantes se manifestaram contra a idéia, mas o velho aceitou o desafio. Foram para a praça da cidade, e o jovem começou a insultar o velho mestre. Chutou algumas pedras em sua direção, cuspiu em seu rosto, gritou

todos os insultos conhecidos. Durante horas fez tudo para provocá-lo, mas o velho permaneceu impassível. No final da tarde, sentindo-se já exausto e humilhado, o impetuoso guerreiro retirou-se.

Desapontados pelo fato de que o mestre aceitara tantos insultos e provocações, os alunos perguntaram: "Como o senhor pode suportar tanta indignidade? Por que não usou sua espada, mesmo sabendo que podia perder a luta, em

vez de se mostrar covarde diante de todos nós?"

"Se alguém chega até você com um presente, e você não o aceita, a quem pertence o presente?", perguntou o samurai.

"A quem tentou entregá-lo", respondeu um dos discípulos. "O mesmo vale para a inveja, a raiva e os insultos", disse o mestre. "Quando não são aceitos, continuam pertencendo a quem os carregava."

Depois de dez anos de aprendizagem, Zenno achava que podia ser elevado à categoria de mestre zen. Em um dia

chuvoso, foi visitar o famoso professor Nan-in.

Ao entrar na casa de Nan-in, este perguntou: "Você deixou seu guarda-chuva e seus sapatos do lado de fora? Então me diga: você colocou o guarda-chuva do lado direito ou do lado esquerdo dos seus sapatos?" "Não tenho a menor idéia, mestre." "O zen-budismo é a arte de consciência total do que fazemos", disse Nan-in. "A falta de atenção nos pequenos detalhes pode destruir por completo a vida de um homem. Um pai que sai correndo de casa, nunca pode

esquecer um punhal ao alcance do seu filho pequeno. Um samurai que não olha todos os dias a sua espada,

terminará encontrando-a enferrujada. Um jovem que esquece de dar flores para sua amada, vai acabar por perdê-

la."

E Zenno compreendeu que, embora conhecesse bem as técnicas zen do mundo espiritual, havia se esquecido de

aplicá-las no mundo dos homens.

-Todos os mestres dizem que o tesouro espiritual é uma descoberta solitária. Então porque estamos juntos? -

perguntou um dos discípulos.

-Vocês estão juntos porque um bosque é sempre mais forte que uma árvore solitária - respondeu o mestre. - O

bosque mantém a umidade, resiste melhor a um furacão, ajuda o solo a ser fértil. Mas o que faz a árvore forte é a sua raiz. E a raiz de uma planta não pode ajudar outra planta a crescer. "Estar junto no mesmo propósito, e deixar que cada um cresça à sua maneira, este é o caminho dos que desejam comungar com Deus."

Maktub

Textos de 41 à 50

Chego a Madri às 8hs. Vou ficar apenas algumas horas, não adianta telefonar para amigos, marcar algum encontro.

Resolvo caminhar por lugares que gosto e termino fumando um cigarro em um banco do parque Retiro.

"Você parece que não está aqui", diz um velho, sentando-se ao meu lado. "Estou aqui", respondo. "Só que há 12

anos, em 86. Sentado neste banco com um amigo pintor, Anastasio Ranchal. Nós dois estamos olhando minha

mulher, Christina, que bebeu além da conta e está fingindo que dança flamengo."

"Aproveite", diz o velho. "Mas não esqueça de que a lembrança é como o sal: a quantidade certa dá tempero à comida, mas o exagero estraga o alimento. Quem vive muito no passado, acaba sem presente para recordar."

No jornal, um texto que recorto e coloco na maleta de mão. O autor é W. Timothy Gallway:

"Quando plantamos uma roseira, notamos que ela fica dormindo muito tempo no seio da terra, mas ninguém ousa criticá-la, dizendo: 'Você não tem raízes profundas' ou 'falta entusiasmo na sua relação com o campo'. Ao contrário, nós a tratamos com paciência, água e adubo. Quando a semente se transforma em muda, não passa pela cabeça de

ninguém condená-la como frágil, imatura, incapaz de nos brindar imediatamente com as rosas que estamos

esperando. Ao contrário: nos maravilhamos com o processo do nascimento das folhas seguido dos botões, e, o dia

em que as flores aparecem, nosso coração se enche de alegria. Entretanto, a rosa é a rosa desde o momento em que nasce até seu período de esplendor, e termina murchando e morrendo. A cada estágio que atravessa - semente,

broto, botão, flor - expressa o melhor de si. Também nós, em nosso crescimento e constante mutação, passamos por vários estágios: vamos aprender a reconhecê-los, antes de criticar a lentidão de nossas mudanças."

Durante minha estada no castelo alugado por uma revista brasileira, um jornalista da região vem me entrevistar.

No meio da conversa, assistida por outras pessoas, ele quer saber: "Qual foi a melhor pergunta que um repórter já lhe fez?"

Melhor pergunta? Acho que já me fizeram todas as perguntas, menos a que ele acaba de fazer. Peço tempo para

pensar, estudo as muitas coisas que queria dizer e nunca quiseram saber. Mas ao final, confesso: "Acho que foi exatamente esta. Já tive perguntas que me recusei a comentar, outras que me permitiram falar sobre temas

interessantes, mas esta é a única que não tenho como responder com sinceridade".

O jornalista anota. E diz: "Vou lhe contar uma interessante história. Certa vez, fui entrevistar Jean Cocteau. Sua casa era um verdadeiro amontoado de bibelôs, quadros, desenhos de artistas famosos, livros. Cocteau guardava

tudo e tinha um profundo amor por entrevista, eu resolvi perguntar: 'Se esta casa começasse a pegar fogo e você

pudesse levar uma coisa consigo, o que escolheria?"

"E o que Cocteau respondeu?", perguntou Álvaro Teixeira, responsável pelo

castelo e estudioso da vida do artista francês. Cocteau respondeu: "Eu levaria o fogo".

E ali ficamos todos, em silêncio, aplaudindo no íntimo do coração a resposta tão brilhante.

Em praticamente todas as religiões e culturas, a tradição da hospitalidade está presente. Nos evangelhos, Jesus

divide seus dons com homens e mulheres que o acolhem. Na tradição judaica, Lot é salvo ao acolher estrangeiros

que depois se revelam anjos. No Islã, Mohammed (Maomé) diz: "maldita a sociedade que não aceita hóspedes".

Todos somos hóspedes deste mundo. Estamos aqui de passagem entre uma vida e outra - e não podemos carregar

nada além de nossos bons gestos. A tradição da hospitalidade não pode morrer em nossas vidas, mesmo que exista -

de vez em quando - gente que abusa de nosso teto e carinho. Sempre que acolhemos alguém, nos abrimos para a

aventura e o mistério.

Vimos uma senhora na esquina da rua Constante Ramos, em Copacabana. Estava numa cadeira de rodas, perdida

no meio da multidão. Minha mulher ofereceu-se para ajudá-la; agradeceu, e aceitou; pediu que a levasse até a

Santa Clara.

Alguns sacos plásticos pendiam da cadeira de rodas. No caminho, contou-nos que aqueles eram todos os seus

pertences; dormia sob as marquises, e vivia da caridade alheia.

Chegamos ao lugar indicado. Ali havia outros mendigos. A mulher da cadeira de

rodas tirou de um dos plásticos

dois pacotes de leite longa-vida, e entregou-os a eles.

"Fazem caridade comigo, preciso fazer caridade com os outros", foi seu comentário.

No deserto de Mojave, é frequente encontrarmos as famosas cidades-fantasma: construídas perto de minas de ouro;

eram abandonadas quando todo o produto da terra tinha sido extraído. Havia cumprido seu papel, e não tinha mais

sentido continuar sendo habitadas.

Quando passeamos por uma floresta, também vemos árvores que - uma vez cumprido seu papel, terminaram

caindo. Mas, diferente das cidades-fantasma, o que aconteceu? Abriram espaço para que a luz penetrasse,

fertilizaram o solo, e tem seus troncos cobertos de vegetação nova.

A nossa velhice vai depender da maneira que vivemos. Podemos terminar como uma cidade-fantasma. Ou então

como uma generosa árvore, que continua a ser importante, mesmo depois de caída por terra.

No Japão, participei da conhecida "cerimônia do chá". Entra-se num pequeno quarto, o chá é servido, e nada mais.

Só que tudo é feito com tanto ritual e protocolo, que uma prática cotidiana transforma-se num momento de

comunhão com o Universo.

O mestre do chá, Okakusa Kasuko, explica o que acontece: "a cerimônia é a adoração do belo e do simples. Todo seu esforço concentra-se na tentativa de atingir o Perfeito através dos gestos imperfeitos da vida cotidiana. Toda a sua

beleza consiste no respeito com que é realizada."

Se um mero encontro para beber chá pode nos transportar até Deus, o que dizer das outras oportunidades que

acontecem todo dia - e não nos damos conta.

Um aprendiz de ocultismo que conheço, na esperança de impressionar bem o seu mestre, leu alguns manuais de

magia e resolveu comprar os materiais indicados nos textos.

Com muita dificuldade, conseguiu determinado tipo de incenso, alguns talismãs, uma estrutura de madeira com

caracteres sagrados escritos numa ordem determinada. Vendo isto, o mestre comentou: "Você acredita que,

enrolando fios de computador no pescoço, conseguirá ter a sabedoria da máquina? Acredita que, ao comprar

chapéus e roupas sofisticadas, vai adquirir também o bom-gosto e a sofisticação de quem as criou?

"Os objetos podem ser seus aliados, mas não contêm - neles mesmos - qualquer tipo de conhecimento. Pratique primeiro a devoção e a disciplina, e tudo o mais lhe será acrescentado."

Estou andando pela praia com minha mulher, de repente escuto uma moça dizendo para a outra, de maneira

convicta: "Eu programei minha vida da seguinte maneira..."

Fiquei pensando: será que ela conta com as coisas que acontecem, justamente quando não estamos esperando?

Pensou que Deus talvez tenha um plano diferente, e muito mais interessante? Levou a sério a hipótese de que - ao incluir outras pessoas na sua programação - esteja interferindo em idéias e projetos distintos?

"Quem pode acrescentar um til ou um jota à sua história?" diz Jesus Cristo. Temos uma lenda pessoal para viver.

Mas ela se manifesta aqui e agora, e não nos planos que fazemos para o futuro. O resto é delírio.

Durante minha viagem ao Japão, para promover "O Diário de Um Mago", perguntei ao editor Masao Masuda, por que os japoneses conseguiram conquistar mercados que antes eram dominados pelos americanos.

"Muito simples", respondeu Masuda-san. "Os americanos têm uma idéia, trancam-se numa sala com pesquisas, tomam decisões, e gastam uma energia imensa para provar que estavam certos. Nós não queremos provar nada a

ninguém: deixamos que cada ser humano manifeste suas necessidades, e procuramos solucioná-las. O resultado

prático é que cada um termina comprando aquilo que já desejava antes."

É importante que o Guerreiro da Luz use esta estratégia em sua vida. Quem só deseja demonstrar que está certo,

termina por agir errado.

Maktub

Textos de 51 à 60

Um psiquiatra amigo conta que - ao contrário da crença popular, que atribui a escuridão a capacidade de deprimir as pessoas - a maior parte dos suicídios ocorre de manhã. É justamente no momento de acordar que o depressivo se vê diante de sua maior dificuldade: enfrentar um novo dia.

Isto nos leva a considerar o velho ditado árabe: o pior de todos os passos é o primeiro. Quando estamos prontos

para uma decisão importante, todas as forças se concentram para evitar que sigamos adiante.

Já estamos acostumados com isto. É uma velha lei da física: quebrar a inércia é

difícil. Como não podemos mudar

a física, concentremos a energia extra e conseguiremos dar o primeiro passo. Depois o próprio caminho ajuda.

Gilberto de Nucci tem uma excelente imagem a respeito de nosso comportamento. Segundo ele, os homens

caminham pela face da Terra em fila indiana, cada um carregando uma sacola na frente e outra atrás.

Na sacola da frente, nós colocamos as nossas qualidades. Na sacola de trás, guardamos todos os nossos defeitos.

Por isso, durante a jornada pela vida, mantemos os olhos fixos nas virtudes que possuímos, presas em nosso peito.

Ao mesmo tempo, reparamos impiedosamente, nas costas do companheiro que está adiante, todos os defeitos que

ele possui.

E nos julgamos melhores que ele - sem perceber que a pessoa andando atrás de nós, está pensando a mesma coisa a

nosso respeito.

O grande escritor grego Nikos Kazantzakis ("Zorba, o Grego") conta que, quando criança, reparou num casulo preso a uma árvore, onde uma borboleta preparava-se para sair. Esperou algum tempo, mas - como estava

demorando muito - resolveu acelerar o processo. Começou a esquentar o casulo com seu hálito; a borboleta

terminou saindo, mas suas asas ainda estavam presas, e terminou por morrer pouco tempo depois.

"Era necessária uma paciente maturação feita pelo sol, e eu não soube esperar", diz Kazantzakis. "Aquele pequeno cadáver é, até hoje, um dos maiores pesos que tenho na consciência. Mas foi ele que me fez entender o que é um

verdadeiro pecado mortal: forçar as grandes leis do universo. É preciso paciência, aguardar a hora certa, e seguir com confiança o ritmo que Deus escolheu para nossa vida".

Conheci a pintora Miie Tamaki durante um seminário em Kawaguchiko. Perguntei o que pensava da religião. "Não tenho mais religião", ela respondeu.

"Foi educada para ser budista. Mas, com o passar do tempo, comecei a ver que o caminho espiritual é uma

constante renúncia. Temos que superar nossa inveja, nosso ódio, nossas angústias de fé, nossos desejos. Fui me

livrando de tudo isto, até que um dia meu coração ficou vazio: os pecados tinham ido embora, e minha natureza

humana também.

"Durante algum tempo aceitei isto, mas notei que não podia mais compartilhar da vida a minha volta. Foi então que larguei a religião. Hoje tenho meus conflitos, meus momentos de raiva e de desespero, mas sei que estou de

novo perto dos homens - e consequentemente perto de Deus".

Creio que grande parte dos leitores assistiu o filme "Amadeus": massacrado pela crítica musical de sua época, que o acusava de superficial, Wolfang Amadeus Mozart consolava-se sabendo que o público gostava e apoiava sua arte.

Sua última ópera, "A Flauta Mágica", mostra um Mozart de uma leveza extraordinária - ignorando por completo a filosofia sinistra que complica a vida. Para um amigo, o compositor explicou o porquê de tanta suavidade: "A vida é permanente. Ele não precisa de significados ocultos para mostrar sua beleza e sua eternidade. Deus não está na tortura da alma ou nas confusões do pensamento, mas na capacidade que o homem tem - desde os tempos mais

remotos - de olhar as estrelas e ficar comovido."

Terry Dobson viajava num metrô em Tóquio, quando um bêbado entrou, e começou a ofender todos os passageiros.

Dobson, que estudava artes marciais há alguns anos, encarou o homem. "O que é que você quer?" perguntou o bêbado. Dobson preparou-se para atacá-lo. Neste momento, um velhinho sentado num dos bancos, gritou: "Ei!"

"Vou bater no estrangeiro, depois bato em você!", disse o bêbado.

"Eu também costumo beber", disse o velho. "Sento-me todas as tardes com minha mulher, e tomamos sakê. Você tem mulher?"

O bêbado ficou desnorteado, e respondeu: "não tenho mulher, não tenho ninguém. Só tenho vergonha de mim".

O velho pediu que o bêbado sentasse ao seu lado. Quando Dobson desceu, o homem estava chorando.

Quando eu me encontrava fazendo o caminho de Roma, um dos quatro caminhos sagrados de minha tradição

mágica, me dei conta - depois de quase vinte dias praticamente sozinho - que estava muito pior do que quando

havia começado. Com a solidão, eu comecei a ter sentimentos mesquinhos, amargos, pequenos.

Procurei a guia do caminho, e comentei o fato. Disse que, ao iniciar aquela peregrinação, achei que ia me

aproximar mais de Deus. Entretanto - depois de tantos dias - estava me sentindo muito pior.

"Você está melhor, não se preocupe" - disse ela. "Na verdade, quando acendemos a luz de nossas almas, a primeira coisa que vemos são as teias de aranha e a poeira, nossos pontos fracos. Mas esta é a oportunidade de corrigi-los.

Nunca deixe que a consciência de suas fraquezas lhe assuste".

Às vezes somos possuídos por uma sensação de tristeza que não conseguimos controlar. Não importa o lugar onde

estamos - no trabalho, junto da pessoa a quem amamos, numa festa - mas, sem

qualquer explicação, o mundo perde

seu colorido, e a vida esconde sua magia.

Nestes momentos - nos fala Karen Casey - nada melhor que olhar para dentro de nós mesmos. Ali está uma criança

com medo, que não sabe bem o que está fazendo aqui, porque quase não é ouvida e consultada. Vamos ser

tolerantes com esta criança. Vamos deixar que ela tome as rédeas por quanto tempo for necessário, até sentir-se de novo amada.

Em breve, nossos olhos voltam a brilhar. E, a partir daí, se não perdemos mais o contato com esta criança, não

perderemos mais o sentido da vida.

Joseph Campbell nos diz: "o primeiro choque do homem moderno com o mundo mágico acontece quando ele

descobre que Papai Noel não existe".

Campbell, um dos maiores estudiosos de mitologia de nossos tempos, não estava brincando. Quando nos damos

conta que toda a fantasia criada em torno dos presentes de Natal era apenas fruto de uma tradição, achamos que

todas as tradições são iguais. Se Papai Noel não existe, é possível que não exista Deus, Anjo da Guarda, Vida após a Morte. Com medo de nova desilusão, empobrecemos nosso mundo, e desconfiamos de qualquer milagre.

Não somos mais crianças. Podemos conviver com as decepções inerentes ao próprio caminho espiritual - aliás, este é um caminho cheio de decepções. Mas, quem persistir, chega lá.

Quantas vezes dizemos para alguém: "puxa, faz tempo que não discuto com fulano". Ou: "nunca mais tive uma gripe". E de repente, no dia seguinte, pegamos uma gripe ou discutimos com fulano.

Então concluímos: se falamos as coisas boas que acontecem conosco, isto traz má sorte.

Nada disso. Na verdade, a Alma do Mundo - antes de qualquer problema - sempre nos mostra quanto tempo

ficamos sem nos aborrecer com determinada coisa. Ela quer nos dizer como a vida tem sido generosa até aquele

momento - continuará sendo, se superarmos com bravura o obstáculo.

Mantenha as palavras positivas no ar. Elas vão lhe ajudar a crescer em qualquer dificuldade.

Maktub

Textos de 61 à 70

Elie Wiesel, prêmio Nobel de literatura, escreve: "Deus é a sombra do homem. Assim como a sombra repete os

movimentos do corpo, Deus repete os movimentos da alma".

Desta maneira, sempre existe uma relação entre o que fazemos e o que recebemos em troca. Se somos generosos, a

"sombra de Deus" repete os movimentos que fizemos em benefício do nosso próximo, e nos dá com generosidade dez vezes maior. Se somos cruéis, esta nossa crueldade se reflete no plano astral, e também retorna.

Muita gente justifica sua própria infelicidade, argumentando que está pagando agora o que fez em vidas passadas.

Existem alguns raros casos em que isto acontece, e - mesmo nestes casos - um verdadeiro ato de amor apaga

qualquer culpa. Devemos nos concentrar em movimentos de harmonia, para que a sombra que projetamos no

mundo espiritual seja sempre um ato de louvor a Deus.

No dia seguinte a um longo e animado jantar no meu apartamento, cruzei com um vizinho na hora em que saía para um passeio. Ele pergunta: "Houve alguma briga ontem à noite? Porque as pessoas estavam aos gritos! Cheguei a pensar em ver o que acontecia".

Peço desculpas pelo inconveniente e explico que não me dera conta de que a discussão fora tão intensa. "É culpa de Deus", digo, apressado.

No calçadão de Copacabana, começo a pensar sobre a noite anterior. Éramos seis pessoas, duas das quais jamais

acreditaram em Deus, e outras duas que desejavam, a todo custo, provar sua existência. Há tempo não

conversávamos sobre isso, de modo que - sem interferir - deixei a discussão prolongar-se ao máximo. Conheço bem

meus amigos ateus, sei o quanto de bom têm feito pelo mundo, e o fato de não acreditarem em Deus em nada muda

nossa relação. Entretanto, eu me perguntava: "Por que certas pessoas reagem tão negativamente à idéia da

divindade?"

O texto é de Leonardo Boff: "Captar Deus é tê-Lo em todas as dimensões da vida, não apenas em situações

privilegiadas, como quando se comunga ou se reza. Ter a experiência de Deus sempre - andando na rua, respirando

o ar poluído, alegrando-se, tomando cerveja, procurando entender um texto que se esteja estudando. Deus vem

misturado com tudo isto; e qualquer situação é suficientemente boa para capta-Lo e dizer: 'Ele anda conosco'.

A chave do místico é procurar ver o que está por trás de cada coisa, o que a constitui e sustenta. Não ficar preso ao superficial, - mas fazer de tudo um símbolo, um sinal, um sacramento, uma imagem.

Para quem tem a experiência de Deus, o mundo é uma grande mensagem."

Chego em Madrid às 8 da manhã. Vou ficar apenas algumas horas, de modo que não adianta telefonar para amigos

e, marcar algum encontro. Resolvo caminhar sozinho por lugares que me são queridos, e termino sentado num

banco do parque Retiro.

"Você parece que não está aqui", diz um velho que se aproxima.

"Estou há oito anos atrás, em 1986", respondo. "Sentado neste banco com um amigo pintor. Conversando sobre um assunto absurdo: onde tomar aulas de dança".

"Aproveite esta benção", diz o velho. "Mas saiba que um pouco de sal dá tempero a comida, muito sal estraga o alimento. É preciso muito cuidado com as lembranças - ou você acabará sem presente para recordar".

Sartre diz: "O homem é aquilo que decidiu que devia ser". Aos 20 anos, o famoso compositor mexicano Augustin Lara viu naufragar o navio onde viajava. Durante horas, lutou contra as ondas - jurando a Deus que, se chegasse à praia, esqueceria o passado e começaria nova vida.

Lara chegou numa praia de Tacotlapan, Veracruz. Embora nascido e criado na cidade do México, cumpriu seu

juramento - e passou a dizer a todos que Tacotaplan era sua terra natal.

Em 1968, Lara comemorou 70 anos de vida. Vários jornalistas foram à festa em Tacotaplan - e ali, escutaram

histórias de velhos que havia brincado com Lara em sua infância, as ruas onde fez suas primeiras canções. No

momento mais importante da festa, o prefeito de Tacotaplan lhe deu as chaves da casa onde nasceu!

H. Bloomfield soube que o pai fora hospitalizado de repente: "Enquanto viajava

para New York, pensava que tinha chance de fazer com que esta visita fosse diferente das demais. Sempre tivera medo de mostrar meu afeto, sempre

quis manter a mesma distância prudente que meu pai mantinha comigo. Quando o vi na cama, cheio de tubos, dei-

lhe um abraço. Ele se surpreendeu. 'Abraça-me também, papai', eu pedi. Ele me havia educado dizendo que um

homem nunca demonstra seus sentimentos. Mas insisti. Papai levantou os braços e me tocou. Ali estava eu,

pedindo a meu pai que me mostrasse o quanto me queria - embora eu já soubesse.

Senti suas mãos na minha cabeça e - pela primeira vez - escutei as palavras que seu coração dizia, mas que seus

lábios jamais haviam pronunciado. 'Te amo', disse ele. E, a partir do momento em que teve coragem de mostrar seu amor, recuperou sua vontade de viver."

"Maktub" significa: "estava escrito".

Em 1991, "O Alquimista" foi oferecido à Maison Robert Laffont, uma das três maiores editoras francesas.

Recusado. No ano seguinte, nova oferta; nova recusa.

Anne, filha de Laffont, passava as férias em Ibiza, quando ganhou uma cópia do livro em inglês.

"Por que não editamos?", perguntou ao pai.

"Já foi recusado duas vezes", respondeu Laffont.

Anne descobriu o motivo; a brasileira encarregada da seleção nem o tinha aberto, alegando que não era

considerado pela crítica. "Pois vou edita-lo", disse Anne. "E farei o melhor".

Esta semana, com o livro elogiado pela crítica local, e nas listas de mais

vendidos da França, Anne telefonou:

"Mande um presente à brasileira que recusou seu livro. Há três anos, seria apenas lançamento perdido no meio de outros. Agora foi um desafio pessoal meu. Maktub!"

Os laços de amor criam uma relação mais forte do que supomos. J. Rhine e Sara Feather, do Laboratório de

Parapsicologia da Universidade de Duke, colecionaram uma série de casos sobre as mais diversas manifestações

desta relação - inclusive com os animais. Eis um destes casos:

Um rapaz, Hugh Brady, costumava cuidar dos pombos que viviam perto de sua casa. Certa vez, encontrou uma

destas aves feridas; curou-a, alimentou-a, e colocou na pata direita uma etiqueta com o número 167.

No inverno seguinte, Hugh teve que ser operado de emergência. Enquanto se recuperava, num hospital longe de

sua casa, escutou algo batendo na janela. Pediu a enfermeira que abrisse; um pombo entrou voando pelo quarto

adentro, e pousou no peito do rapaz.

Na pata direita estava a etiqueta com o número 167.

Mahatma Gandhi lutou sua vida inteira, mas conseguiu libertar a Índia do domínio inglês. Quando lhe disseram

que era um dos maiores nomes jamais surgidos na História Universal, respondeu:

"Nada tenho de novo para ensinar ao mundo. A verdade e a não-violência são tão antigas quanto as montanhas.

Tudo o que tenho feito é tentar pratica-las na escala mais vasta que me é

possível. Assim fazendo, errei algumas vezes e aprendi com meus erros.

Os que acreditam nas verdades simples que expus, só podem propaga-las se viverem de acordo com elas. Estou

absolutamente convencido de que qualquer homem ou mulher pode realizar o que realizei, se fizer o mesmo

esforço e cultivar a mesma esperança e fé."

Certa manhã, eu caminhava com um amigo argentino pelo deserto do Mojave, quando vimos algo brilhando no

horizonte; embora nosso destino fosse ir até um "canyon", mudamos nosso caminho para ver o que emitia tal brilho. Durante quase uma hora, debaixo de um sol cada vez mais forte, nos dirigimos para lá - e só conseguimos

descobrir o que era quando chegamos.

Era uma garrafa de cerveja, vazia. Devia estar ali há anos; a areia tinha cristalizado no seu interior. Como o

deserto já estava muito quente aquela hora, decidimos não ir mais até o "canyon". Na volta, eu pensava: quantas vezes deixamos de seguir o nosso caminho, atraídos pelo falso brilho do caminho ao lado?

Mas pensava também: se eu não fosse até lá, como ia saber que era apenas um falso brilho?

Maktub

Textos de 71 à 80

Escutei no restaurante:

- Você deve deixar este emprego e fazer os tais objetos de acrílico.

- Primeiro preciso ganhar dinheiro.

- Você disse que está ganhando mal, péssimo.

- De qualquer maneira é uma segurança.

- Mas você disse que pode ganhar dinheiro com os tais objetos.

- Posso. Tenho certeza. Tenho até encomendas.

- Então por que não larga tudo?

- Porque preciso de dinheiro.

- Mas você não está ganhando dinheiro no emprego!

- Mas pelo menos é uma garantia. Não enche, vamos comer.

Josiah Royce (1855-1916), num momento em que morre alguém muito querido, escreve estas palavras: "Nós

morremos enquanto Tu permaneces. A eternidade é Tua. E, na eternidade, seremos lembrados não como pontos

insignificantes deste mundo real mas como folhas sadias que, em um certo momento, floresceram nos ramos da

Árvore da Vida. Estas folhas caem da árvore, mas não caem no esquecimento, Porque Tu sempre Te lembrarás

delas."

Nelson Liano foi à Belo Horizonte para uma conferência. No hotel, alguém lhe deu uma oração, O Cântico das

Criaturas, e disse que era de São Francisco de Assis. Nelson achou o texto mas tão belo que, na abertura da

palestra, leu seus versos e citou o autor.

De volta ao hotel, sentiu-se culpado: quem garantia que a oração era de São Francisco? Será que havia enganado a platéia? Perguntou a seus amigos, ninguém tinha ouvido falar no texto.

A próxima conferência era em Ouro Preto; ficou hospedado na casa de um dos

habitantes da cidade. De noite, antes de dormir, Nelson foi até a estante do quarto, e sorteou um livro para ler.

Era o texto de um catedrático italiano, descrevendo o processo usado por Francisco de Assis para escrever "O

Cântico das Criaturas".

Cláudia Martins vem servir nossa mesa - num café em San Diego, Califórnia. Conheci Cláudia no Brasil há quatro

anos, e conto aos amigos a vida que está levando nos EUA: dorme apenas três horas - pois trabalha no café até de madrugada, e é baby-sitter durante o dia inteiro.

- "Não sei como aguenta", diz alguém.

- "Existe um conto budista sobre uma tartaruga", responde uma argentina em nossa mesa. "Ela caminhava por um pântano, suja de lama, quando passou diante de um templo. Ali viu um casco de tartaruga todo adornado de ouro e

pedras preciosas. "Não te invejo, antiga amiga", pensou a tartaruga. "Você está coberta de jóias, mas eu estou fazendo o que quero".

Em 1982 eu resolvi largar tudo e correr o mundo - até encontrar um sentido para minha vida. Nestas andanças,

vivi uma época na Holanda, onde frequentava o Kosmos - local onde se reuniam as pessoas com quem eu tinha

afinidade.

Certa noite, uma holandesa me perguntou como era o Brasil.

Eu comecei a falar de nossos problemas, da falta de liberdade (vivíamos sob regime militar), da miséria, da

dificuldade de viver como artista.

- "Mas vocês vivem no melhor lugar da Terra", eu disse. "Como é viver no

paraíso?"

A holandesa ficou um longo tempo quieta. Então respondeu: "É a coisa mais chata do mundo. Aqui está tudo

certinho, não sobrou nenhum desafio, nenhuma emoção. Oxalá eu tivesse os seus problemas - então voltaria a

sentir-me parte da humanidade".

Estava com meu mestre, assistindo uma partida de xadrez num parque em San Diego, Califórnia. -"Seria mais fácil se a busca espiritual pudesse ter fórmulas como este jogo", eu comentei.

- "Sabe de onde vem a palavra fórmula?", perguntou ele rindo. "Vem do latim forma - o recipiente onde colocamos a massa para fazer um bolo. Já imaginou aprisionar Deus, o Universo, os anjos, a eternidade - tudo numa forma?

Podemos inspirar-nos em exemplos. Mas seguir adiante imitando os passos , a fórmula, a forma dos outros é

empobrecer a vida e matar o entusiasmo da Busca. O desafio é individual; pode ser mais difícil, mas é muito mais animado, rico e interessante."

Ernest Hemingway, o autor do clássico "O Velho e o Mar", misturava momentos de dura atividade física com períodos de inatividade total. Antes de se sentar para escrever as páginas de um novo romance, passava horas

descascando laranjas e olhando o fogo.

Certa manhã, um repórter notou este estranho hábito.

- "Você não acha que está perdendo tempo?", perguntou o repórter. "Você que é tão famoso, não devia fazer coisas mais importantes?"

- "Estou preparando a minha alma para escrever, como um pescador prepara seu material antes de sair ao mar", respondeu Hemingway. "Se ele não fizer isto, e achar que só o peixe é importante, jamais irá conseguir coisa alguma".

Marcelo, marido de uma produtora de televisão, estava perdido em Los Angeles,

Califórnia. Durante horas vagou

sem rumo, e, já tarde da noite, terminou entrando numa área perigosa. Percebendo o ambiente à sua volta, ficou

nervoso e resolveu tocar a campainha de uma casa com luz acesa. Um homem de pijama atendeu. Marcelo explicou

a situação e pediu que chamasse um táxi. Ao invés de fazer isto, o homem vestiu-se, tirou o carro da garagem, e foi levá-lo até ao hotel.

No caminho, explicou: "há cinco anos atrás, estive no Brasil. Certa noite, perdi-me em São Paulo. Eu não falava uma palavra de português, mas um rapaz brasileiro terminou por entender o que eu queria, e levou-me até ao hotel.

Hoje, Deus permitiu-me saldar esta dívida".

Estava num pier em San Diego, Califórnia, conversando com uma mulher da Tradição da Lua - um tipo de

aprendizado feminino que trabalha em harmonia com as forças da natureza.

- "Quer tocar numa gaivota?", perguntou ela olhando as aves na amurada do pier.

Claro que sim. Mas sempre que me aproximava, elas voavam.

- "Procure sentir amor por ela. Depois, faça este amor jorrar do seu peito como um feixe de luz, atingindo o peito da gaivota. E aproxime-se com calma".

Fiz o que ela mandou. Duas vezes não consegui nada, mas na terceira - como se eu tivesse entrado em "transe", consegui tocar a gaivota. Repeti o "transe", com o mesmo resultado positivo.

Conto aqui a experiência, para quem quiser tentar. "O amor cria pontes em lugares que parecem impossíveis", diz a minha amiga feiticeira.

O famoso comediante Groucho Marx escreveu um bem-humorado, mas seríssimo, texto sobre a paixão:

- "Eu acredito que o amor verdadeiro só aparece quando o fogo inicial da paixão

diminuiu, e as brasas ficaram ali ardendo." Isso é amor. Este tipo de relação só conhece o sexo de vista e de lembrança. Suas partes componentes são a paciência, o perdão, o entendimento mútuo, e uma grande tolerância pelas faltas do outro.

- "A paixão é um truque. É uma pena que, como diz Shaw, justamente quando duas pessoas se encontram sob a

influência da mais violenta, insana, e ilusória das paixões, sempre aparece alguém exigindo que permaneçam

continuamente nesta condição excitada, anormal e exaustiva, até que morte os separe".

Maktub

Textos de 81 à 90

Muitas pessoas dizem: "sigo a minha religião individual". Que bobagem! O Caminho é individual. Mas ele não existe sem a devoção coletiva - seja católica, protestante, judia, islâmica, etc.

Anthony Mello, é autor de excelentes livros, com histórias de diversas tradições. Na dedicatória de um deles,

sintetiza, com rara beleza, a importância da religião: "Não posso esconder dos leitores a minha condição de sacerdote católico. Peregrinei por bom tempo, e livremente, por tradições não-cristãs, e até mesmo não-religiosas.

Elas enriqueceram-me, e exerceram grande influência na minha maneira de pensar. A Igreja, porém, é meu lar

espiritual. Tenho noção das suas limitações, e até mesmo de sua estreiteza ocasional - o que me deixa embaraçado.

Mas isto nunca irá destruir o fato de que foi ela que me formou, me moldou, e fez de mim o que sou".

Pratique sua religião, seja ela qual for. Todos nós precisamos de um lar espiritual.

A má interpretação da Nova Era pode gerar confusões perigosas. Uma delas refere-se à saúde: acredita-se que a

mente é capaz de tudo, que as coisas só acontecem conosco porque permitimos.

Não é nem nunca será assim. Uma coisa é o poder da prece - capaz de operar milagres. Outra coisa é deixar-se

dominar por um sentimento de onipotência que pode ser fatal.

Uma amiga próxima foi submetida a uma cirurgia de emergência. Soubemos depois que tivera apendicite, e que

fora internada em estado gravíssimo. Quando já se recuperava, o médico foi conversar com ela: "A apendicite dá muitos sinais; dores, febre alta, etc. Por que não veio antes?

- "Vejo a doença como uma resposta do corpo a um enfraquecimento da mente - respondeu ela. - Tentei lutar por mim mesma".

E, por causa disto, quase morreu. Muito cuidado, gente.

Jesus deve ter pensado muito bem em suas atitudes. Sabia que elas seriam comentadas pelos séculos vindouros, e

precisava dar o exemplo.

Seu primeiro milagre? Não foi curar um cego, fazer um coxo andar, exorcizar um demônio: mas transformar água

em vinho, e animar a festa.

Seus companheiros? Não foram os que comandavam a cultura e a religião da época; mas homens comuns, que

viviam de seu trabalho.

Suas companheiras? Não eram como Marta, que fazia aplicadamente a tarefa doméstica; mas como Maria, que o

seguia com liberdade.

O primeiro Santo? Não foi um apóstolo, nem discípulo, nem um fiel seguidor; mas o ladrão que morria ao seu lado.

O sucessor? Não foi aquele que mais se aplicou em aprender seus ensinamentos; mas quem o negou no momento

em que mais precisava de ajuda.

Enfim, nada do que mandava o manual do bom comportamento.

No interior da Paraíba, junto a Pedra do Ingá, conheci um homem analfabeto, sem qualquer cultura além da

tradição oral. Na meia-hora que passamos juntos, disse-me coisas que só os mestres dizem.

Num apartamento de cobertura, em New York, junto ao Central Park, conheci um homem que falava cinco línguas.

Tinha uma vasta biblioteca sobre magia. Passamos três horas conversando, e ele disse-me coisas que apenas os

discípulos dizem.

E, outro dia, conheci outro homem analfabeto e sem cultura, que em meia-hora falou apenas tolices.

E, passado um tempo, conheci outro homem culto, poliglota, que me abriu os olhos para coisas importantíssimas.

Isto também já aconteceu com você. Portanto, tentar estabelecer regras, preconceitos, ou padrões, apenas

empobrece nossa busca. Estar aberto para a vida, é estar aberto para o próximo. Quando nosso anjo usa as pessoas para nos dar algum recado, não as escolhe da maneira que escolhemos.

O cineasta Rui Guerra contou-me que - certa noite - conversava com amigos numa casa no interior de Moçambique. O país estava em uma guerra, de modo que faltava tudo - desde gasolina até iluminação. Para passar

o tempo, começaram a falar sobre o que gostariam de comer. Cada um foi dizendo seu prato preferido, até que

chegou a vez de Rui. "Eu gostaria de comer uma maçã", disse, sabendo que era impossível encontrar frutas, por causa do racionamento.

Neste exato momento, escutaram um barulho. E uma reluzente, suculenta maçã entrou rolando na sala e parou em

frente a ele!

Mais tarde, Rui descobriu que uma das moças que viviam ali tinha ido buscar frutas no mercado negro. Ao voltar,

subindo a escada, levou um tropeção e caiu; a sacola de maçãs que havia comprado abriu-se, e uma delas rolou sala adentro.

Coincidência? Bem, isto seria uma palavra muito pobre para explicar esta história.

Logo depois do lançamento de "O Alquimista", eu precisei passar um tempo fora do Brasil. Vivia preocupado com o que estava acontecendo com o livro por aqui.

Um dia, caiu-me nas mãos o texto a seguir. E eu me encontrei de novo comigo mesmo.

- "Se você realmente fosse criança, uma verdadeira criança, ao invés de preocupar-se com o que não pode fazer, contemplaria a Criação em silêncio. E habituar-se-ia a olhar calmamente o mundo, a natureza, a história, o céu.

Se você realmente fosse criança, estaria neste momento cantando aleluia para as coisas que estão na sua frente. E -

livre das tensões, dos medos, e das perguntas inúteis - aproveitaria este tempo para esperar, curioso e paciente, pelo resultado das coisas onde tanto investiu seu amor" (Carlos Caretto, ermitão italiano).

Ana Sharp, autora de "A Magia do Caminho Real" (Ed. Rosa dos Tempos), e responsável por acompanhar Shirley Maclaine no Caminho de Santiago, diz-me certa noite: "O medo é o desejo oculto. Inconscientemente, passamos a vida

tentando provar que nossos pais estavam certos - porque eles nos deram a coisa mais importante: o amor. Mas deixaram marcas de seus próprios temores; e nós, para não destruir a imagem de pessoas poderosas que foram,

terminamos deixando que estes medos sejam transferidos para nós.

Só perdi o medo de avião quando, na véspera de certa viagem, pensei comigo mesma: tenho este pânico porque

meu pai tinha medo, e eu não posso aceitar que estivesse errado.

É preciso ficar com as coisas boas do passado, mas livrar-se dos temores irracionais. Hoje, quando me defronto

com qualquer medo, troco a palavra por 'desejo' e pergunto: por que estou desejando isto? E o medo/desejo se afasta normalmente".

Em 1989, eu estava nos Pirineus, quando vi um cartão postal: "capela de Gez", dizia. Abri o mapa, notei que estava perto do monte Gez, e resolvi escalá-lo para conhecer a igreja; enfiei na minha cabeça que a cidade ficava no alto -

do outro lado da montanha.

Durante horas subi pelos caminhos mais duros possíveis. Só quando estava a cem metros do topo, me dei conta de

duas coisas: a) eu estava perdido: b) não havia cidade nenhuma em cima do monte (descobri mais tarde que a

capela ficava lá em baixo).

Quase morri naquela tarde. De onde tirei a idéia da cidade? Por que não desisti quando vi que não havia nenhuma

estrada?

Às vezes cismamos com certas coisas, e só descobrimos o erro tarde demais. Por isso é sempre bom lembrar da

frase de Goethe: "Ninguém consegue enganar-nos melhor que nós mesmos".

Uma vez eu caminhava com meu mestre por um campo perto de Cabo Frio. Ele dizia: "olha ali uma bromélia!" E

mais adiante: "veja uma orquídea!"

Meus olhos não estavam acostumados ao milagre das coisas pequenas. Tudo que via diante de mim era uma

confusão de plantas verdes, e nada mais. Aos poucos, andando com ele, aprendi a educar a vista e buscar a planta que quero.

O mesmo se passa com os Sinais de Deus, a maneira como Ele procura nos ajudar a dirigir nossas vidas. Só um

olho treinado consegue vê-los. Hoje - embora ainda cometa erros - estou mais acostumado a distinguir no cenário

diante de mim a caligrafia de Deus. Assim como a beleza da orquídea se destaca para quem sabe que existem

orquídeas, os Sinais se mostram para quem tem a coragem de decifra-los.

William Blake dizia: "O tolo não vê a mesma árvore que o sábio vê". Custei a entender isto, mas acabei aprendendo.

Eu sempre quis conhecer a mulher que, na noite do Massacre da Candelária, surgiu como o Anjo-da-Guarda das

crianças de rua.

Durante um jantar, alguém me apresentou: "esta é Ivonne". Eu cumprimentei formalmente a recém-chegada, e

continuei conversando com meus amigos. Ela, sem jeito, se afastou. Quando íamos saindo da festa, minha esposa comentou: "então, gostou de conhecer a mulher que você tanto admira?" E eu me dei conta do meu erro.

Na mesma hora, procurei-a entre os convidados - e Ivonne Bezerra de Mello ficou sabendo da minha admiração

por sua resistência e coragem.

Mas, ao voltar para casa, eu pensava: quantas vezes em minha vida estive diante de algo que era importante para

mim, e não percebi?

Maktub

Textos de 91 à 100

Conheci Regina Sylvia na época hippie, quando nossas mentes viviam povoada de deuses astronautas, purple haze,

e discos voadores. Regina caminhou por muitas estradas esotéricas e místicas. Hoje está em Pirenópolis (Goiás),

dirigindo uma comunidade Cristã, voltada para a devoção de Maria.

"A conversão não é um momento apenas, mas um trabalho para toda a vida", diz ela. "Porque é preciso estar sempre compreendendo o que o coração quer manifestar. Se paramos de escutar nosso coração, a conversão

também pára.

A palavra conversão vem de metanóia, que em Grego quer dizer, mudança de mentalidade. Deus nos dá a

conversão pela graça, e nós retribuímos com a ação. Não é um caminho fácil: o trabalho é semelhante ao de

transformar um deserto em pomar; mas, se a gente permite, o Espírito Santo se encarrega disto".

Talvez você diga: "bem, minha vida não está exatamente de acordo com as minhas expectativas".

Se, entretanto, a vida lhe perguntasse: "o que você tem feito por mim?" Qual seria a sua resposta? Não adianta querer encurtar o caminho: é preciso equilibrar o Rigor e a Misericórdia, disciplina e entrega. Nada acontece sem esforço, nem

mesmo os milagres. Para que um milagre ocorra, é preciso ter fé. Para se ter fé, é preciso vencer a barreira dos preconceitos. Para se derrubar barreiras, é preciso coragem. Para se ter coragem, é preciso dominar o medo. E assim por diante.

Vamos fazer as pazes com nossos dias. É preciso não esquecer que a vida está do nosso lado. Também ela quer

melhorar. Vamos ajuda-la.

Cuidado, porque os símbolos podem transformar-se em armadilhas.

O livro "Cântico para Leibowitz" passa-se num futuro distante, mil anos depois da atual civilização ter sido destruída. Seus habitantes usam antigos fios de computador enrolados no pescoço - porque - diz a tradição - tais fios continham sabedoria.

Jorge Luiz Borges também fala da transformação dos símbolos: a cruz, um instrumento de tortura, virou um

instrumento de fé. A flecha assassina agora apenas indica uma direção.

Uma lenda Zen conta a história de um mestre que sempre mandava amarrar o seu gato, que perturbava a meditação

dos discípulos. O tempo passou, o mestre morreu. O gato também morreu, e trouxeram outro. Cem anos depois,

alguém escreveu um tratado respeitadíssimo, sobre a importância de se ter um gato amarrado durante a meditação.

A tradição oral listou os dez passos do Caminho espiritual. A inquietação: a pessoa percebe que precisa mudar de vida, seja por tédio, ou por sofrimento. A busca: vem a decisão da mudança. A busca se dá com livros, cursos,

encontros. A decepção: começam as trocas de caminho. Aquele que está buscando percebe os problemas e defeitos

dos que ensinam. Por mais que mude de corrente filosófica, religião, ou sociedade secreta, encontra os problemas clássicos: vaidade e busca de poder. A negação: é comum abandonar o caminho depois de constatar que os que

estão nele ainda não resolveram seus problemas. A angústia: o caminho foi abandonado, mas uma semente foi

plantada: a fé. E cresce dia e noite. A pessoa sente-se desconfortável, com a sensação de que descobriu e perdeu.

Ontem listei cinco - dos dez passos do caminho espiritual: inquietação, busca, decepção, negação e angústia.

Concluo com os cinco passos seguintes: O retorno: por causa de outra ruptura séria (uma tragédia, um êxtase etc.) a pessoa descobre que sua Fé está viva. E a fé, se for bem cultivada, resiste a qualquer decepção. O mestre: o

momento mais perigoso. Mestre são apenas pessoas experientes. O caminho é individual, mas - neste momento -

pode desvirtuar-se, e virar coletivo. Os sinais: o caminho se mostra por si mesmo. Através dos sinais, Deus lhe

ensina o que precisa saber. A noite escura: são feitas as Escolhas. A pessoa muda sua vida e dá seus passos - apesar do medo. A comunhão: é o momento em que, como dizia São Paulo, a própria Divindade passa a habitar a pessoa.

O mistério dos milagres se manifesta em toda maravilha e grandeza.

Os exércitos de Alexandre o Grande, preparavam-se para tomar uma cidade na África. Mas as portas se abriram,

sem resistência; a população era quase toda feminina, já que os homens haviam morrido nos combates contra o

Conquistador.

No banquete da vitória, Alexandre pediu que lhe trouxessem pão. Uma das mulheres trouxe uma bandeja de ouro, coberta de pedras preciosas, com um pedacinho de pão ao centro."Não posso comer pedras preciosas e ouro; o que pedi foi pão!", bradou. E a mulher respondeu: "Alexandre, não tem pão em seu reino? Precisava vir busca-lo tão longe?"

Alexandre continuou suas conquistas, mas - antes de partir dali, mandou gravar

numa pedra: "Eu, Alexandre o Grande, vim até a África para aprender com estas mulheres."

Cheguei a New York, e soube que minha editora americana reservara o clássico hotel Waldorf Astoria. Quando a

porta do elevador abriu no meu andar, vi que estava repleto de seguranças - com armas a vista. Descobri, com a

camareira, que uma princesa árabe estava ali. Fiz milhares de fantasias de como devia ser uma princesa, até que

um dia a vi no corredor: uma senhora gorda, feia, os pés inchados, e um séquito cuidando de cada passo. A amiga

que estava comigo conseguiu falar com ela; soubemos que a segurança não a deixava ir à rua, que sonhava em ir a

um cinema, e que e a primeira estrangeira com quem conversava era minha amiga. Os guarda-costas logo

chegaram, interrompendo a conversa - além de nos revistar em busca de armas ocultas. Foi a única princesa de

verdade que conheci em minha vida.

Um dos rituais de iniciação de feiticeiras consistia em colocar a noviça num gigantesco saco, pendurado numa

árvore. Durante a noite inteira, enquanto dançavam, as feiticeiras giravam o saco.

Este costume surgiu de repente, sem nenhuma base na Tradição oral. Por isso, sua validade é muito questionada. H.

Muller, estudioso de magia, arrisca uma explicação: "À medida que o saco ia girando, a noviça perdia o sentido de direção. Ela tentava ficar em pé dentro do saco, mas o chão era flexível. O espaço era gigantesco - porque era

escuro; ao mesmo tempo, era pequeno - porque sua mão tocava as paredes do

saco. Assim, eliminado por completo

o sentido de tempo e espaço, a noviça estava mais aberta para uma nova percepção da realidade."

Se você acha que apenas você está sofrendo, ou amando, ou desesperado, ou apavorado - enfim, se você acha que

tudo de bom ou de mal na vida só acontece com você, relembre Salomão:

"Geração vai e geração vem, mas a Terra permanece sempre a mesma. Levanta-se o Sol, e põe-se o Sol, e volta ao seu lugar, e nasce de novo(...) O que foi, é o que há de ser; o que se fez, isso se tornará a fazer. Não há nada de novo debaixo do Sol".

Salomão dizia isto a 3.000 anos atrás - mas não para fazer com que nos sentíssemos inúteis ou repetitivos. Sua

intenção era mostrar-nos que, em nenhum momento, estamos sozinhos. Se Deus fez com que todas as gerações

anteriores encontrassem seu rumo, fará a mesma coisa por cada um de nós. Afinal, Ele tem milênios de experiência com nossos problemas.

Não se esqueça que as vezes é preciso parar. Ou os pés ficam feridos, a mente se distrai, e o cansaço empobrece a Busca.

A tradição acadêmica tem o "Ano Sabático"; a cada sete anos de trabalho, o professor passa um ano longe da Universidade. Ao sair da rotina, ele abre espaço para novos conhecimentos.

Na antiguidade, os camponeses dividiam sua terra em sete terrenos: a cada ano, um deles ficava abandonado, sem

produzir nada. Ali cresciam ervas daninhas, mato, tudo que a natureza tivesse vontade de produzir sem

interferência do homem. Desta maneira a terra se revigorava, e era capaz de - no ano seguinte - aceitar a semente do agricultor.

Quem não pára por livre vontade, termina sendo paralisado pela vida. Na Busca - como em tudo o mais - ação e

inação tem a mesma importância.